

QUARENTA ANOS DE MEDICINA: TRANSFORMAÇÕES VIVIDAS
*AN OVERVIEW OF THE TRANSFORMATIONS WITNESSED DURING
FORTY YEARS OF MEDICINE (1967 - 2007)*

João Carlos Thomson¹, José Eduardo de Siqueira²

Em 1962, 65 alunos de Medicina iniciaram sua jornada na difícil missão de se tornar médico. Em 1967, 65 médicos foram colocados no mercado de trabalho na árdua tarefa de servir ao próximo. Hoje, em 2007, somos 59 médicos, na ativa ou aposentados, em um contexto de significativas transformações. No período 1962/1967, havia aproximadamente 42 cursos de Medicina e, hoje, 2007, um Brasil diferente conta com 169 escolas médicas!

Vivemos há 40 anos uma realidade em que o ensino superior era público para 70% a 75% dos brasileiros. Hoje essa realidade é inversa e há 70% a 75% de privatização do ensino superior. Há 40 anos, fomos inseridos em um mercado de trabalho que ainda oferecia a opção da Medicina Privada e atualmente estamos inseridos em um mercado socializado com uma fatia praticamente inexistente de Medicina Privada.

Observou-se, concomitantemente, uma surpreendente expansão tecnológica em toda a sociedade, inclusive em todas as áreas da Medicina, com o objetivo primordial de melhorar o atendimento global à saúde da população.

Será que o esforço para o progresso, com a variedade das vacinas, antibióticos de última geração, diagnóstico por imagem com qualidade nunca imaginada, transplantes, células-tronco, biologia molecular, genética e o genoma, cirurgia minimamente invasiva, robótica, entre outros, não deveria ter trazido resultados positivos para o atendimento à nossa população?

Bernard Lown, em 1997, um dos maiores cardiologistas do século 20, argumentava que os médicos desaprenderam a arte de curar; jamais a Medicina avançou tanto no diagnóstico e tratamento das mais variadas doenças e nunca o paciente, o ser humano, foi tal mal cuidado. Deplora a exagerada ênfase que as escolas médicas empregam na formação de profissionais para serem oficiais-maiores da ciência e gerentes de biotecnologias complexas, “desconsiderando a genuína arte de ser médico”.

Persegue-se, equivocadamente, a idéia de que todo mal que aflige o paciente pode ser identificado pela tecnologia. Os jovens estudantes são educados a operar equipamentos e a adestrar-se em leitura de incontáveis variáveis biológicas, mas não são orientados a reconhecer o ser humano na sua integridade biopsicossocial.

Reflexos da sociedade moderna, da globalização, da informática? O “sacerdócio na medicina” está ultrapassado? Não podemos esquecer - e sei que todos os colegas da turma de 62 se recordam - que há 46 anos, em nosso vestibular a redação tinha como título, como desafio: “Medicina e Sacerdócio”!

Não podemos, não devemos nunca nos esquecer com a experiência de 40 anos como profissionais médicos, que um paciente ao procurar atendimento de saúde, invariavelmente está buscando por cuidados que não se limitam simplesmente a se livrar de um mal-estar circunstancial. A relação médico-paciente nunca deverá deixar de ser uma interação subjetiva experimentada por duas pessoas e, por mais assimétrica que seja, somente será eficaz se for conduzida com acolhimento, escuta-resposta e esperança renovada de cura.

Gaillard, em 1995, apontava como ações dos profissionais de saúde para o século 21: acolhimento,

anamnese, exame físico e posteriormente diagnóstico, prescrição e separação. No entanto, temos tido um grande obstáculo no cumprimento destas óbvias etapas, como o questionamento apresentado por vários colegas: “diante do baixo montante de nossos honorários, considera verdadeiramente que podemos arranjar tempo para todas estas coisas?”.

Como vemos, algo deve ser feito! Uma mudança de atitude comportamental em relação ao binômio médico-paciente deve ser urgentemente avaliada por todos nós associações médicas, escolas de Medicina, planos de saúde, SUS, governos, enfim, por toda a sociedade, para que possamos, novamente, nos fazer respeitar ao respeitarmos nossos pacientes.

Esta deverá ser a nossa preocupação após esses anos de experiência e deveremos aproveitar a oportunidade para dar nosso grito de alerta para todos os segmentos da sociedade responsáveis pela relação saúde - ser humano.

No final do século 20 e início do século 21, vivenciamos o mais extraordinário desenvolvimento da tecnologia biomédica e, ao mesmo tempo, fomos testemunhas da redução progressiva da credibilidade devotada aos médicos. Infelizmente, os pacientes confiam na tecnociência e desconfiam do profissional. Adicionamos a esses aspectos a crescente presença de empresas de Medicina de grupo ávidas por lucros, instituições de ensino guiadas exclusivamente por interesses financeiros e teremos como resultado final esta realidade caótica que impera na assistência à saúde.

A nossa visão ao atuarmos ativamente nesses 40 anos como médicos, interagindo entre a academia e o consultório, não é otimista, pois encontramos um aparelho formador precário colaborando para profissionais mal formados, tecnolatria, baixa remuneração profissional e empresas que só buscam lucros e não prioritariamente a saúde dos usuários.

Para mostrarmos que a nossa visão não é isolada, analisemos o estudo realizado em 1996 pelo Conselho Federal de Medicina, a Federação Nacional dos Médicos, a Associação Médica Brasileira e a Fundação Oswaldo Cruz publicado em um documento com o título “Perfil dos Médicos do Brasil” e suas palavras finais: “*Neste cenário pouco favorável aos médicos, o futuro da profissão é visto, pela maioria, com forte sentimento negativo, refletindo o descontentamento e a falta de perspectivas profissionais que ora se apresentam para o médico brasileiro*”.

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 9, n. 3, p. 31 - 32, 2007

1. Médico formado em 1967 pela Faculdade de Medicina de Sorocaba - PUC -, professor associado de Cirurgia Torácica do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Londrina.
2. Médico formado em 1967 pela Faculdade de Medicina de Sorocaba - PUC -, professor associado de Cardiologia e Bioética do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Londrina. Recebido em 30/8/2007. Aceito para publicação em 30/8/2007.

Contato:

João Carlos Thomson

Rua Júlio César Ribeiro, 204 - CEP: 86.039-200 - Londrina/PR

Telefone residencial: (43) 3325-7342 / Fax: (43) 3323-7744 _

E-mail: zthomson@sercomtel.com.br

Em 1998, o Conselho Federal de Medicina publica “Os médicos e a saúde no Brasil”, onde encontramos “o apelo individualista, calcado na relação médico-paciente, inspirada no juramento hipocrático e gerador de um modelo artesanal de prestação de serviços de indiscutível eficácia em épocas passadas, transformou-se em verdadeiro anacronismo. A Medicina contemporânea é fortemente intermediada em termos institucionais, burocráticos e econômicos e as escolas médicas parecem não se dar conta de tal fato, realizando suas atividades docentes e assistenciais, como se os tempos ainda fossem outros”.

Não podemos nos esquecer o ensinamento de nossos mestres durante o curso de Medicina, e que ainda é uma “verdade verdadeira”: “Cada pessoa adoece de maneira particular”, “não existem doenças e sim doentes”, não importando como a **ciência** ou ainda os burocratas da saúde a classifiquem em tal ou qual categoria nosológica. Como descreve, mais recentemente, Entralgo (1996), “é meu corpo vivo que pensa, quer e sente”.

Gardamer (2006), filósofo alemão, entende que o ato de cuidar contido no encontro entre profissional de saúde e paciente deve ser conduzido pelo imperativo **do tempo de**

falar: “A perturbação da saúde é o que torna necessário o tratamento. Parte do tratamento é o diálogo, que promove a humanização da relação médico-paciente. De qualquer forma, na área da Medicina, o diálogo não é uma simples introdução e preparação para o tratamento, ele já é o tratamento.

Curiosamente, o paradigma emergente para este início de milênio atende pelo singelo nome de “diálogo”. Precisamos voltar a nos preparar para o tempo de falar e de ouvir, retomando o modelo da maiêutica socrática que utiliza o “diálogo” como instrumento de busca para o encontro da verdade.

Para que possamos refletir após 40 anos de atuação na Medicina e testemunhar sua relação com o progresso e avanço nos distintos campos de atividade, o balanço final seria positivo ou negativo?

Após esta reflexão, com a experiência em 40 anos de efetivo exercício da Medicina, a conclusão é que começaríamos tudo novamente: cheios de esperança, com a vontade renovada de bem servir aos pacientes, com a convicção de uma profissão que justifica todos os esforços realizados na arte de ajudar e curar nossos semelhantes.

É a nossa mensagem!

QUANTO APRENDIZADO

Como seis anos te ensinam! Foram seis anos de muito aprendizado de vida, de amigos e de uma nova família. Convivi com pessoas extraordinárias aqui, desde colegas de turma e faculdade a professores, residentes, funcionários e pacientes, com as quais aprendi.

A convivência entre repúblicas foi uma experiência única. Quantas histórias tivemos nesse tempo. Foi uma família que constituímos aqui, aceitando as diferenças e aprendendo com as qualidades de cada um.

O Centro Acadêmico brigando pelos direitos dos alunos, fechando o campus, organizando a farmacinha popular, fazendo assembléias; a Atlética organizando festas, jogos e Intermeds. As Intermeds foram grandes palcos de competições. É indescritível jogar pela faculdade com a bateria incentivando nosso time. Nesses momentos o cansaço era apenas um detalhe em quadra.

Quanto trabalho deu para organizar esta revista científica - à qual escrevo esta carta agora - e os congressos da SUMEP, mas a satisfação no último dia do evento era suficiente para encarar mais um ano de tarefas. As Ligas foram grandes oportunidades de discutir e aprender sobre assuntos que nem sempre foram tão aprofundados durante a graduação. E o Showmed, as festas e as serenatas foram momentos necessários para a descontração, reunir os amigos e conhecer outros mais.

Hoje, esses seis anos se passaram e alegria se mistura com tristeza. À turma LII, que esta formatura seja uma das muitas vitórias a fazer parte das nossas vidas.

João Roberto Sala Domingues “caiaque”- formando da turma LII